

Nos Limites da Civilização: autenticidade, self e barbárie em Francis Ford Coppola e Joseph Conrad

Isadora Contins

historiadora e mestranda do Programa de Pós-graduação em
Comunicação da UERJ.

Resumo

Tempos apocalípticos são retratados no filme *Apocalypse Now*, sua versão *Redux* os intensifica, colocando a guerra como catalisador da crise de identidade contemporânea. Este ambiente de barbárie suscita o questionamento de noções como indivíduo e civilização, pois os valores arraigados pela sociedade americana são contestados pela morte e a loucura da guerra.

Abstract

*Apocalyptic times are presented in the movie *Apocalypse Now*, the *Redux* version intensify them, putting war as a catalysis of the contemporary identity crisis. This barbarian environment questions notions like individual and civilization, because the values deep-rooted by the American society are refuted by the death and war madness.*

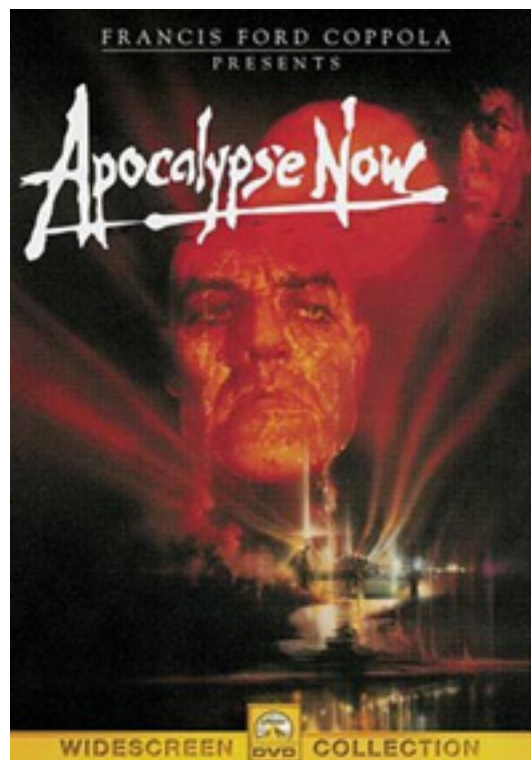
“THE HORROR... THE HORROR”¹

Este trabalho tem como objetivo a análise do filme *Apocalypse Now Redux*, de Francis Ford Coppola, a partir de algumas categorias importantes para a narrativa do filme. Ao assisti-lo, notamos que poderia ser interessante discutir as noções de “identidade”, “autenticidade”, “civilização” e “barbárie”, numa situação limítrofe de guerra. Para isso, fomos buscar uma bibliografia que tratasse dos temas e nos ajudasse a ler o filme a partir dessas categorias.

É importante assinalar que estamos preocupados com a linguagem do filme, ou seja, como ele se apresenta visualmente: suas imagens, sua música, sua narrativa, seu tempo e estética.

Apocalypse Now Redux (2001) é o filme *Apocalypse Now* (1979) com uma nova edição: 49 minutos a mais do que a película que foi apresentada originalmente. O filme é baseado no livro de Joseph Conrad, *O Coração das Trevas*, que conta a estória de um capitão, que durante a ocupação belga do Congo, é enviado para uma difícil missão: encontrar Kurtz, um comerciante de marfim, que teria se deixado influenciar pela “magia” do continente e succumbido a instintos “selvagens”.

217



APOCALIPSE NOW REDUX

O filme, baseado no livro de Joseph Conrad, transporta a sua estória para a década de 60, durante a ocupação americana do Vietnã. O filme relata a jornada do Capitão Benjamin Willard (Martin Sheen), um oficial da inteligência do exército americano, enviado numa perigosa e confidencial missão, até o Camboja, para destruir “totalmente” um coronel americano desertor chamado Walter Kurtz (Marlon Brando). Segundo o exército americano, Kurtz está “fora de controle e louco”. O ex-coronel controla um grupo de pessoas numa selva, repleta de crânios e corpos em decomposição.

KURTZ

O personagem Kurtz é formado por uma série de características interessantes. Primeiro aluno de sua classe, o coronel tem um currículo invejável, recebeu diversos prêmios ao longo de sua carreira pela sua liderança e participação na guerra do Vietnã. Era conhecido como um profissional exemplar capaz de fazer qualquer coisa por seu país, um militar muito respeitado por seus colegas. O coronel era casado com a mesma mulher durante anos e tinham um filho. Kurtz poderia ter seguido a ordem natural de sua carreira militar e se tornado general, mas algo aconteceu que o fez decidir por abrir mão de toda sua carreira. Os agentes que procuram o Capitão Willard não entendem o que pode ter se passado com Kurtz. Como um homem com sua capacidade e poder poderia abrir mão de tudo isso e se isolar no meio da floresta? O fato de o coronel abdicar de seu papel enquanto profissional, de marido e de pai – construindo uma outra “identidade” para si – faz com que os militares se preocupem com sua saúde mental e suas atitudes passam a ser vistas com medo e precauções. Os militares descobrem fitas com a voz de Kurtz, onde ele fala sobre destruição e se manifesta contra a guerra dos americanos. Sua voz é sombria e assustadora.

WILLARD

O personagem de Benjamin Willard é mostrado como um capitão solitário e completamente entregue à sua vida militar e às conseqüências que essa opção lhe trouxe. No início do filme vemos Willard em Saigon, num pequeno quarto de hotel. O filme é inteiramente narrado por ele. Sua voz é firme e extremamente calma. Nesse momento, o capitão está à espera de ordens para uma missão. Ele diz que ele mesmo pediu por uma missão, ele queria essa oportunidade. Willard já havia lutado na guerra do Vietnã anteriormente; esta era a segunda ou terceira vez que ele voltava para o Vietnã. Ele menciona que tinha uma esposa nos Estados Unidos e que estava há muito tempo sem falar com ela. Os dois só se falaram, finalmente para acertarem o divórcio. Como Kurtz, Willard também havia – já no início do filme – deixado para trás suas relações com seu país natal. Isso é de certa forma, o militar americano, casado,

que pretendia lutar pelo seu país numa guerra em terra estrangeira e depois retornar, não existia mais. Em nenhum momento o capitão diz que queria voltar para seu país ou até mesmo que queria que a guerra acabasse. Era como se aquela situação limite já estivesse enraizada nele, e ele não soubesse viver fora dali. Willard está tenso em Saigon, à espera de ordens. O personagem diz que detesta estar em Saigon, que está viciado na selva, isto é, nos campos de batalha. Diz ele: “You get stronger in the jungle, in the bushes. I wanted to go back”

O capitão pede por esta missão e diz que depois se arrependeu, pois terminaria simplesmente no pior lugar do mundo. É impossível não relacionarmos os dois personagens; eles se misturam várias vezes no filme, a ponto de, às vezes, não sabermos de que estória Willard está falando. No início do filme ele diz que contar a sua estória é contar a estória do coronel e vice-versa. Ao ser apontado com a missão de “exterminar o coronel Kurtz”, Willard afirma que tinha que cumprir sua missão confidencial, independente de qual fosse. Diz que sua missão era matar um americano e que isso não deveria fazer diferença para ele, até porque ele já havia matado seis vietnamitas. Mas matar um americano fazia diferença para ele, sim. Nesse momento notamos que o personagem de Willard questiona as ordens; aqui ele reflete sobre o que foi lhe pedido. Ele se apresenta com o sentimento da compaixão pelo outro americano, mas nem por isso hesita em continuar com sua obrigação. Durante a jornada pelo rio, que vai até a fronteira com o Camboja, Willard conhece o coronel Kilgore (Robert Duvall), que lidera seu esquadrão de helicópteros ao som de Wagner e comanda um campeonato de surfe mesmo com os inimigos atirando sem parar. O personagem Kilgore é importante para nossa análise porque mostra como certos valores, como a compaixão e o respeito, podem ser suspensos numa guerra. Com as atitudes do personagem, podemos perceber que os bombardeios e a morte são vistos como uma característica comum no dia a dia dos soldados. Um soldado no chão, com a perna sangrando, implorando por uma injeção de morfina, vira algo do cotidiano, algo que se pode ver todos os dias. Essa parece ser uma visão naturalizada da guerra. Com Kilgore, vemos isso de forma extrema. Um coronel que estava mais preocupado com a situação das ondas do que com seus soldados e o bombardeio ao seu redor. Embora até gostasse dos seus soldados e fosse solidário com eles, como diz Willard. Kilgore e os soldados que o acompanham parecem lidar com a guerra como se fosse uma “brincadeira”. Para atirar nos inimigos ele escolhe uma música para ser sua trilha sonora e se comporta como se estivesse jogando um videogame. No meio de um bombardeio em uma região vietnamita, com escolas, crianças e milhões de civis sendo exterminados, o coronel Kilgore comanda alguns de seus soldados para irem pegar onda. Enquanto lidera um esquadrão de bombardeios, Kilgore pergunta, rindo, a um de seus soldados:

Kilgore: “How do you feel?”

Soldado: “Like a mean motherfucker sir!”

Willard segue para seu destino num barco-patrolha da Marinha com quatro tripulantes: o chefe do barco, um negro taxista (Albert Hall), o Chef (Frederic Forrest), um cozinheiro de New Orleans que entrou para a marinha porque achava que a comida era melhor que no exército; Clean, um adolescente negro do Bronx (Laurence Fishburne); e Lance, um surfista da Califórnia convocado para guerra (Sam Bottoms). Os soldados sempre se apresentam dizendo seu nome e a cidade de onde vieram. A “identidade” está diretamente relacionada com seu estado ou cidade natal. Lance por exemplo é sempre identificado como um californiano. O típico jovem da Califórnia que gosta de surfar. O surfista é ingênuo e parece viver a vida de soldado, não prestando muita atenção ao que está ao seu redor. A sensação é que ele está sempre sendo levado por outros e que vive a guerra como se fosse qualquer coisa. Está no Vietnã, mas também poderia estar em outro lugar. Numa cena, Lance aparece no barco pegando sol com um papel de alumínio em baixo de seu rosto, para direcionar o sol para o seu rosto. Essa cena sugere que, apesar de Lance estar em território de guerra e ter que cumprir seu papel enquanto soldado, ele age como se estivesse em casa. Ele segue uma rotina que seguiria na Califórnia: pegar sol e pegar onda. Uma das características dos militares, como Kilgore e Lance é que eles fazem de tudo para fazer o território estrangeiro parecer a casa deles. Eles pegam onda, tocam violão, bebem cerveja e fumam cigarros americanos e até garotas da playboy são convidadas para se apresentarem para os soldados. Tudo é feito para que os soldados ajam naturalmente com o que está ao seu redor. A questão é que o que está ao seu redor não tem nada de natural. É simplesmente a violência e a crueldade em sua pior forma. Willard chega a dizer: “While trying to make the place like home, the more they missed home.”

Nesse sentido, o que o filme mostra bem é a urgência, a loucura e o horror da guerra do Vietnã. O despreparo dos soldados, sua inocência contrastada com a crueldade. Uma situação onde seus valores e regras ficam suspensos. Conforme o barco segue em direção ao Camboja, tudo parece estar sob o domínio da ilusão e da loucura. A situação começa a ficar mais complicada, na medida em que o barco segue para o território proibido para os americanos. Os tripulantes do barco não sabem da missão de Willard e nem para onde ele está indo exatamente. Com a passagem dos dias, os soldados passam por mais e mais riscos, até que um dos tripulantes – o negro e mais jovem de todos – é morto. Os quatro tripulantes podem ser entendidos como o microcosmo da força de guerra americana. Dois soldados negros representam um aspecto importante na guerra do Vietnã: era comum que os militares americanos colocassem os negros nos fronts e das situações de maior risco. Aparentemente um número alto de negros foi convocado para a guerra, exatamente por causa da raça. É com os tripulantes, e mais especificamente com Lance e Buba (Soldado negro que morre), que o diretor do filme mostra quem eram esses americanos em guerra. Garotos que chegaram ali por que

foram obrigados ou porque acreditavam que a carreira militar ia lhes dar dinheiro e segurança. Muitos não sabiam exatamente porque estavam lá. Ao longo da narrativa, Lance utiliza algumas drogas, como a maconha e o ácido. O surfista se afasta mais ainda da “realidade” concreta, do dia a dia da guerra. Em certo momento ele avista um bombardeio e sorri, achando que estava vendo fogos. O personagem se perde cada vez mais no mundo criado por ele próprio; ele não questiona absolutamente nada, cumpre todas as ordens sem questionamento, sem muita “lucidez” nesse envolvimento. O personagem fica cada vez mais calado. Ao longo da viagem, Willard vai lendo as informações sobre Kurtz que lhe foram dadas. Esse é um dos mecanismos utilizados pelo diretor e roteirista para fazer com que o espectador perceba os dois personagens de forma similar. As histórias se cruzam, se parecem. Willard, ao longo de sua trajetória na narrativa, começa a olhar a guerra com certo distanciamento e reflexão. Ele percebe mais do que os outros personagens a “insanidade” em que todos estão vivendo: basicamente o fato de que a única coisa que resta aos soldados americanos é “loucura”, as drogas, o “divertimento”, o silêncio e a solidão. Ao mesmo tempo, o capitão se torna cada vez mais determinado em terminar sua missão. Fica muito curioso para conhecer Kurtz, e é capaz de qualquer coisa para atingir sua meta. Um momento crucial do filme é quando, já no meio do rio, em direção ao Camboja, o comandante do barco decide interceptar um barco vietnamita. Uma vietnamita é ferida. Willard fica nervoso, dizendo que já esperou muito, e simplesmente atira na mulher. Ficam todos em silêncio. Esse momento é importante porque define bem a situação em que os soldados se encontram. O total absurdo. A destruição total. Há um abandono dos princípios de razão e objetividade, comuns na “civilização”. O que importa é cumprir sua missão e mais nada. Só que esta missão já ficou maior do que uma simples missão. Ela se torna a vida de Willard, que se mistura com a história de Kurtz. Finalmente Willard e os dois tripulantes que conseguem permanecer vivos chegam ao território que Kurtz controla. Não sabemos exatamente quanto tempo o capitão passa lá. Ele e Lance são abordados por vários homens, mulheres e crianças, que vivem seguindo as ordens de Kurtz. Este é uma figura mágica para essas pessoas, se tornou um rei, um líder. Na maioria das cenas Kurtz aparece com sombras no rosto. O lugar onde vive é um templo sombrio, escuro e cheio de objetos estranhos e caveiras. A câmera focaliza o rosto de Kurtz, durante a maioria de seus diálogos. O resto da tela é preta e só vemos seu rosto. De uma forma geral, a partir da chegada de Willard, as imagens ficam mais escuras e cheias de sombra. Antes disso, o filme tem momentos muito iluminados, como o campeonato de surf, no meio de um bombardeio, a chegada das meninas da playboy e até mesmo dias ensolarados no barco durante a viagem. A música e o ritmo do filme mudam com a chegada de Willard. As imagens ficam mais escuras e há vários closes de Willard e Kurtz. A última hora de *Apocalypse Now* Reduz, é marcada por conversas entre Kurtz

e Willard e o aprisionamento deste. Kurtz é um homem inteligente, que recita poesias de T.S.Eliot e lê o antropólogo James Frazer. O livro de Frazer, o famoso *The Golden Bough*, trata de um mito, comum em várias sociedades, e que expressa o paradoxo do poder: o rei deve ser morto ritualmente pelo seu substituo.

K: “Who are you?”

W: “I’m a soldier”

K: “No. You are an errand boy, sent by grocery clerks.”

No diálogo acima fica claro a opinião de Kurtz em relação à guerra. Ele acredita que os americanos estão no Vietnã por interesses e que se meteram em um lugar que não lhes dizia respeito. A guerra para Kurtz, é uma grande “mentira”. O personagem parece estar em busca da “verdade”, do que há de autêntico no mundo, e é por isso que abre mão de uma vida oficial de militar, dedicada ao exército, e cria uma outra “realidade”. Ele não se isola somente de uma vida militar, mas de todo um contexto da “civilização” ocidental. Ao fazer isso, ele deixa para trás seu self enquanto americano, militar e toda uma vida voltada para esses valores e propósitos. O ex-coronel diz que detesta mentiras;

K: “There is nothing that I detest more than the stench of lies”

222

Kurtz deixa para trás sua família; ele praticamente não os reconhece mais. É somente com o seu filho que Kurtz demonstra ainda ter resquícios de sua antiga “identidade”: ele pede para Willard contar toda sua estória para seu filho. Kurtz aparece como um homem sábio, místico que, ao ver Willard, sabe que ele deveria tomar o seu lugar. Sabe que está na hora de morrer, e que Willard foi lá para matá-lo. Como na análise de Frazer, o chefe é morto pelo homem que deve tomar o seu lugar. A narrativa continua e ao expectador é sugerido que Willard se tornará líder daquela comunidade. Nos últimos minutos do filme, Kurtz é morto por Willard, que em seguida pega Lance pela mão e entram no barco. O final parece nos mostrar uma certa ambigüidade quanto ao destino do personagem principal. Não sabemos se ele realmente leva o barco de volta para o Vietnã e segue sua vida, enquanto soldado americano que cumpriu uma difícil missão, ou se permanecerá na comunidade.

“IDENTIDADES”

Segundo James Clifford, em seu texto “Sobre a Automodelagem etnográfica: Conrad e Malinowski” (CLIFFORD, 2002), a categoria “indivíduo” tem diferentes significados ao longo da história ocidental. Dizer que o “indivíduo está envolvido pela cultura”, no século XIX expressava algo bem diferente do que hoje. No século XIX a “cultura” estava diretamente relacionada a um único processo evolucionário. Uma “individualidade autônoma” era tida como o resultado “natural” de um longo processo evolucionário, um movimento básico da humanidade. Apesar de vários questionamentos, a visão do século XIX é a de que a humanidade está constantemente num movimento progressista,

que, aliás, é infinito.² Já no início do século XX o self é pensado como culturalmente construído. Nesse momento, a categoria “indivíduo” passa a ser utilizada no plural, sugerindo um mundo com multiplicidade de sentidos. Para autores como Stuart Hall a “pós-modernidade” trouxe necessariamente um dilaceramento ou fragmentação das “identidades”. A contemporaneidade pressupõe que falemos em multiplicidade e diversidade, já que somos, a cada momento, bombardeados com milhões de informações e o avanço tecnológico nos presenteia com mais uma novidade, a cada hora:

“A medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, pelo menos temporariamente.” (HALL, 2003, pg.13)

“Num mundo com demasiadas vozes falando ao mesmo tempo, um mundo onde o sincretismo e a invenção paródica estão se tornando a regra, e não a exceção, um mundo urbano, multinacional, de transitoriedade institucional – onde roupas americanas feitas na Coréia são usadas por jovens na Rússia, onde as “raízes” de cada um são em algum grau cortadas – num tal mundo torna-se cada vez mais difícil atribuir identidade humana e significado a uma “cultura” ou linguagem coerentes.” (CLIFFORD, 2002, pg, 104)

223

A situação que está sendo apontada no texto de Clifford é vista como uma construção histórica, o resultado de uma determinada conjuntura. Isso não quer dizer que por terem se fragmentado, as identidades não mais conheçam qualquer estabilidade. A fragmentação é uma característica de nosso tempo. Clifford fala justamente de uma “individualidade deslocada” de sua cultura. É nesse momento que podemos inserir os personagens do filme: Kurtz e Willard são duas pessoas, afastadas do seu universo cultural e colocadas em uma situação de risco e “horror” constante em terra estrangeira. Dessa forma, suas “identidades”, enquanto norte-americanos estão em crise e sendo dilaceradas, na medida em que se envolvem com um outro mundo de significados, muito distante do seu. O fato dos dois personagens se afastarem de suas famílias é um exemplo significativo para a questão. Tanto Kurtz quanto Willard se divorciam das esposas, sem muita explicação. Até porque esta atitude não é exatamente “racional” e “objetiva”. Ela tem haver diretamente com a crise de um antigo self, e a construção de uma “identidade deslocada”, desconhecida até então. Clifford introduz uma idéia interessante na análise do trabalho de Joseph Conrad (livro em que o filme *Apocalypse Now* se baseia). Para Clifford, Conrad explora com os limites dos conceitos de “verdade” e “mentira”. O autor chega a falar em uma “problemática conradiana da mentira”. O personagem de Kurtz estaria à procura de uma “verdade” ou “autenticidade”, que não só é encontrada no universo da guerra, como é desafiada. A guerra passa a ser uma grande “mentira”. Ao criar um universo próprio, liderando um grupo de pessoas, afastado do mundo que conhecia, distante dos “valores da civilização”, Kurtz desenvolve uma outra “identidade”.

“O Coração das trevas é notoriamente interpretável; mas um de seus temas inescapáveis é o problema de se falar a verdade.” (CLIFFORD, 2002, pg. 108)

Outro tema importante para Clifford, e presente no filme *Apocalypse Now Redux*, é o da solidão. A experiência da solidão característica de uma guerra e também da “civilização moderna”, é preenchida por Kurtz com outros povos e com outras culturas. Tanto o personagem de Kurtz, como o de Willard, estariam à procura de seu “verdadeiro self”, da “autenticidade” que a guerra destrói. Através do isolamento, do “transe” e do “misticismo”, Kurtz busca sua “verdadeira identidade”.

CONCLUSÃO

Um dos temas do filme é o da “autenticidade”, um tema clássico da antropologia. Por essa razão a imagem do livro de Frazer é importante. A guerra é vista por Kurtz e Willard como uma “mentira”, não há nada de transcendente nela. Ela só trouxe violência, destruição, o absurdo e a loucura. A guerra está, em princípio, ligada aos valores da “civilização”: democracia, justiça, igualdade, coragem, a luta pelo seu país, a ajuda ao próximo etc. Ela se opõe à noção de “barbárie”, onde, segundo a visão moderna, não há valores e regras, como na “civilização”. Dessa forma, há na guerra a suspensão do “indivíduo”, enquanto personagem da “civilização”. As “identidades”, nesse estado limítrofe, são dissolvidas e fragmentadas, junto com os valores da “civilização”. A solidão da batalha faz com que os soldados não se sintam vigiados, não há ninguém olhando por eles. Estão todos na mesma situação de risco e de horror, onde tudo pode acontecer, onde a violência toma conta. E nesse momento não há saída a não ser abdicar de regras e valores, que deixam de fazer sentido na dura realidade de uma guerra. A guerra também traz um “narcisismo”, que é característico da modernidade. Um narcisismo violento e cruel, como é mostrado na cena onde os soldados pegam onda ou se bronzeiam no meio de bombardeios e mortes. A guerra é percebida enquanto “mentira”. Ela serve para tirar a “máscara” da “civilização”, enquanto razão e objetividade. Nesse sentido ela se confunde com a “barbárie”, que é uma espécie de outra face da civilização. Um bom exemplo das idéias de destruição e solidão, na guerra são os primeiros segundos do filme que mostram somente um bombardeio numa floresta, em silêncio. Depois lentamente começa a tocar a música “The end” do grupo The doors.

NOTAS

1 Fala do Coronel Kurtz no filme *Apocalypse Now Redux*, Direção de Francis Ford Coppola. Roteiristas: Michael Herr, John Milius, Francis Ford Coppola, 1979. (Versão Redux de 2001)

2 “Segundo o pensamento iluminista do francês Condorcet, o progresso é um processo inerente às sociedades, dotadas de “razão” e objetividade”, e não tem fim.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA COSTA, Cláudio “*O Livro e a escrita no cinema (O caso Greenaway)*” In: SUSSEKIND, F e DIAS, t. (Org) *A Historiografia Literária e as técnicas da escrita*, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2004.

CLIFFORD, James *A Experiência Etnográfica*, (Organizador: José Reginaldo Santos Gonçalves) UFRJ, Rio de Janeiro, 2002

CLIFFORD, James. *Century* Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1997.

HALL, Stuart *A Identidade na Pós Modernidade*, DP&A editora, Rio de Janeiro, 2003

LANGER, Susanne *Sentimento e Forma, Perspectiva*, São Paulo, 1980.

LUZ, Rogerio. “*Sujeito e Narração no Cinema*”

LUZ, Rogério. “*Olhar Narcisico e visibilidade*”